

BC diz que a recessão será evitada 102

O diretor da área bancária do Banco Central, José Luiz Silveira Miranda, disse ontem, ao comentar o programa brasileiro de ajustamento interno e externo da economia, comunicado pelo presidente do BC, Afonso Celso Pastore, aos credores internacionais que "a política é dura, porém, a cada momento, o Governo saberá encontrar a tática certa para evitar o agravamento da recessão econômica". Segundo o diretor do BC, a estimativa anunciada por Pastore, de taxa zero de crescimento da economia e queda de 2,5% na renda per capita este ano e no próximo, constitui uma hipótese de trabalho e não um programa de Governo.

"O Governo não diz e nem planeja reduzir, em 1983 e 1984, a renda per capita em 2,5%. Realisticamente, no programa de ajustamento que está sendo apresentado aos credores externos, o Governo apenas admitiu que possa haver uma taxa zero de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB). Mas não que pretenda que a taxa fique aí no zero. O Governo só não quer criar a expectativa de crescimento econômico elevado, dentro de uma política de austeridade para o combate à inflação.

Neste final de ano e em 1984, o objetivo será o de trazer a inflação para baixo, mesmo a duras penas", explicou Silveira Miranda.

O combate duro à inflação determinou a fixação das taxas de expansão de 60% para os meios de pagamento - papel-moeda em poder do público e mais depósitos à vista no Banco do Brasil e nos bancos comerciais - e de 70% para o crescimento dos empréstimos de todo o sistema financeiro ao setor privado, contra a inflação acumulada de 60% projetada para dezembro do próximo ano. Em termos de expansão média anual, 1.984, fechará com expansão de 67,5% para os meios de pagamento e de 80% para os empréstimos ao setor privado, contra a inflação média anual de 90%, o que demonstra contração real na oferta da moeda e do crédito.

Mesmo assim, o diretor do BC rejeitou a hipótese da política econômica, apresentada aos banqueiros internacionais, determinar maior recessão interna: "Nestes anos todos de luta, em nenhum momento, o governo procurou seguir uma política que explodisse em recessão, sob hipótese alguma. Mas o Banco

Central deve sempre objetivar, uma taxa de expansão monetária inferior à inflação, porque é a forma de trazer os preços para baixo. No final de setembro, por exemplo, a expansão em doze meses da base monetária - emissão primária de moeda - ficou em 95%, enquanto a inflação anual acumulada atinge 160%. Ora, se o Governo adotasse uma expansão monetária acima da inflação, aí mesmo é que a inflação explodiria. Então, o Banco Central quer manter uma taxa real negativa de expansão monetária para tirar o gás da inflação".

Apesar de rejeitar a previsão de recessão mais aguda Silveira Miranda reconheceu: "A política é dura, é restritiva e exige a participação e o sacrifício de todos para que o País possa ter, mais adiante, com taxa de inflação menor, uma retomada do crescimento econômico a níveis mais satisfatórios e compatíveis com as expectativas da sociedade. Mas, infelizmente, não se pode atender aos anseios da sociedade, no momento em que se procura combater duramente a inflação. Hoje, não existe fermento para fazer o bolo crescer".